





MANHATTAN '45



JAN MORRIS



# manhattan '45

TRADUÇÃO: PAULO FARIA

COORDENADOR DA COLECCÃO: CARLOS VAZ MARQUES

LISBOA  
TINTA-DA-CHINA  
M M X V I I I

© 2018, Edições tinta-da-china, Lda.  
Rua Francisco Ferrer, 6A,  
1500-461 Lisboa  
Tels: 21 726 90 28/29/30  
E-mail: info@tintadachina.pt  
www.tintadachina.pt

Título original: *Manhattan '45*  
© Jan Morris, 1987, 2011

Título: *Manhattan '45*  
Autora: Jan Morris  
Tradução: Paulo Faria  
Prefácio: Carlos Vaz Marques  
Coordenador da colecção: Carlos Vaz Marques  
Revisão: Tinta-da-china (M. Alfaia)  
Composição: Tinta-da-china  
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

1.ª edição: Outubro de 2018

ISBN 978-989-671-457-4

Depósito Legal n.º 446136/18

## ÍNDICE

PREFÁCIO, por Carlos Vaz Marques 9

UMA NOVA INTRODUÇÃO 15

PRÓLOGO 17

### I. O ESTILO 29

<i>A magnífica mescla</i>	31	<i>Moral e bons costumes</i>	48
« <i>Nas nuvens</i> »	35	<i>Tecnologia</i>	55
<i>Os transeuntes da Midtown</i>	38	<i>A cidade dos prodígios</i>	65
<i>O velho e o novo</i>	42	<i>Vistas, sons, tanta emoção</i>	69

### 2. O SISTEMA 71

<i>Sua xelência</i>	73	<i>Há fogo!</i>	90
<i>O grande construtor</i>		<i>A instrução</i>	94
<i>e o Sr. Nova Iorque</i>	78	<i>O gosto pela anarquia</i>	99
<i>O sentimento de ordem</i>	83	<i>Post-scriptum</i>	104
<i>A fina flor de Nova Iorque</i>	87		

### 3. AS RAÇAS 107

<i>Os negros</i>	111	<i>Todo o mundo</i>	137
<i>Os judeus</i>	123	<i>Funcionava!</i>	141
<i>Os chineses</i>	133		

#### 4. AS CLASSES 145

<i>Em torno dos 400</i>	147	<i>A vida na Village</i>	172
<i>A vida nos clubes</i>	152	<i>Entre a burguesia</i>	175
<i>Café Society</i>	157	<i>Entre os pobres</i>	181
<i>À caça das celebridades</i>	162	<i>Todos uma elite</i>	184
<i>Alguns lobos solitários</i>	166		

#### 5. O MOVIMENTO 189

<i>A era do caminho-de-ferro</i>	191	<i>Uma viagem de ferry</i>	208
<i>Por baixo das ruas</i>	200	<i>«É como eu lhe digo...»</i>	212
<i>Nas ruas</i>	202	<i>O êxito ao virar da esquina</i>	214
<i>Acima das ruas</i>	206		

#### 6. OS PRAZERES 217

<i>De arrasar</i>	219	<i>A bebida</i>	233
<i>Vamos ao Met</i>	222	<i>Al fresco</i>	236
<i>Comer fora</i>	227	<i>Um dia fora</i>	242

#### 7. OS DESÍGNIOS 249

<i>As tradições</i>	249	<i>A arte</i>	275
<i>A arte de vender</i>	255	<i>O dinheiro</i>	281
<i>Os bairros das profissões</i>	259	<i>O porto de mar</i>	285
<i>Imagens</i>	262	<i>A enseada</i>	292
<i>No ar</i>	271		

#### EPÍLOGO 295

#### AGRADECIMENTOS 299

#### NOTA BIOGRÁFICA 301



## PREFÁCIO

*por Carlos Vaz Marques*

Já houve um tempo em que o futuro só podia vir a ser melhor do que o passado. É essa a essência do optimismo. Revisitá-lo *a posteriori* tem qualquer coisa de nostálgico — um sentimento ainda mais agudo hoje, neste nosso conturbado presente, três décadas depois de este livro ter sido publicado pela primeira vez.

Estamos perante uma viagem em diferido. Trata-se, mais do que de um projecto de exploração geográfica, de uma viagem no tempo. Jan Morris empreendeu-a nos anos 80 do século passado, reportando-se ao período áureo da cidade que — como diz a canção — nunca dorme. Esses tempos de glória correspondem ao entusiasmo do pós-guerra, num momento histórico em que tudo parecia possível, depois de derrotado o Mal.

A autora deu-lhe o título *Manhattan '45* «porque soava, em parte, como o nome de uma arma, e em parte como uma marca de champanhe»; poder e festa, portanto.

Há neste retrato desse tempo já longínquo resgatado por Jan Morris qualquer coisa de simultaneamente inicial e quase ingénuo: «Nos jornais nova-iorquinos, o qualificativo ‘à mão armada’ ainda surgia entre aspas após o termo ‘assalto’»; «Manhattan era ainda, à sua maneira, uma cidade espantosa-

mente modesta — no sentido em que era singela, despretenhiosa, com modos amigáveis, por muito que a sua escala colossal pudesse intimidar os visitantes.»; «Manhattan era uma cidade tão romântica como a própria Veneza.»

Jan Morris coleciona, neste livro, pequenas vinhetas ilustrativas como bilhetes-postais. Folheia velhos exemplares da revista *Life*, manuseia folhetos de propaganda da época e entusiasma-se com as fotografias de Weegee, «um fotógrafo genial, de seu nome verdadeiro Arthur Fellig, nascido na Polónia, em 1899, que veio para Manhattan em garoto e começou a sua carreira como fotógrafo ambulante». A ele se deve o retrato «das franjas mais sombrias» da cidade, pois mesmo por entre o mais vibrante entusiasmo Nova Iorque não estava imune à pobreza. «Todavia, todavia...» — ressalva Jan Morris — «os bairros pobres de Nova Iorque eram lugares miseráveis, mas indubitavelmente interessantes. Contavam-se entre os bairros pobres mais interessantes da Terra, e entre os mais animados.»

Embora a palavra «racismo» não surja uma única vez no livro, importa não esquecer, a respeito deste retrato glamoroso, que aqueles eram ainda tempos de segregação racial; e a autora não o ignora: «A verdade é que [os negros] continuavam a ser tratados, de modo geral, como inferiores, executando normalmente os trabalhos menos prestigiados — 40 anos antes, todos os carregadores de bagagens na Grand Central eram brancos, mas agora todos, com excepção de um, eram negros. Raramente lhes confiavam tarefas de responsabilidade. Havia muito poucos negros que fossem motoristas de autocarros, ascensoristas ou porteiros de prédios de habitação, havia relativamente poucos polícias negros e nem um só

bombeiro negro, e em toda a Manhattan, em 1945, somente 819 imóveis eram propriedade de cidadãos negros.»

Apesar disso, a diversidade étnica, ainda longe do tempo futuro dos confrontos identitários, dava à cidade uma energia e uma ideologia celebradas numa expressão eloquente: *melting pot*. «Provavelmente, metade dos residentes de Manhattan tinham nascido no estrangeiro ou eram filhos de pessoas nascidas no estrangeiro; cerca de um quinto eram negros; milhares de cidadãos viam-se a si próprios ainda como irlandeses, italianos, polacos ou judeus.»

Visto retrospectivamente, foi um tempo feliz e é feliz o retrato que Jan Morris traça, com uma ponta de carinhosa mitificação, neste livro. O futuro talvez não tenha estado à altura das expectativas entusiásticas desse momento em que o fulgor de Nova Iorque tudo ofuscava.

Manhattan continua a fascinar o mundo, mas hoje já ninguém dirá, como disse outrora o irlandês Brendan Behan: «Depois de ter estado em Nova Iorque, qualquer pessoa que regresse a casa dar-se-á conta de que o seu lugar de origem é bastante escuro.»



*Dedicado à memória de*

*Soldado de 1.ª Classe Peter P. Gelzinis*

*Soldado de 1.ª Classe Fred M. Gbents*

*Sargento-ajudante Martin Liebenhaut*

*Soldado Kent A. Randolph*

*Soldado de 1.ª Classe Michael J. Ratchford*

*Segundo-tenente Jean J. Schiff*

*Capitão Richard V. Southwell*

*Soldado de 1.ª Classe Harry Stuart*

*Sargento Stephen F. White*



## UMA NOVA INTRODUÇÃO

Este livro, que descreve a ilha-cidade de Manhattan no apogeu do seu esplendor, suscita agora em mim, decorrido mais de meio século, um sentimento de tristeza. Em 1945, num mundo que a guerra acabara de devastar e empobrecer, os nova-iorquinos consideravam-se uns felizardos sem par, cidadãos de uma urbe que era, sem sombra de dúvida, o supra-sumo resplandecente da civilização ocidental. Manhattan era riquíssima, estava cheia de pessoas talentosas, era todo-poderosa, era um lugar divertido e era o talismã de uma nação capaz de todas as proezas.

Desde então, Nova Iorque perdeu prestígio em todo o mundo. Os Estados Unidos da América deixaram de ser a única superpotência do planeta e Manhattan passou a ter rivais à altura em matéria de brilho e de amor-próprio. Em 2001, estrangeiros hostis lançaram aviões deliberadamente contra os edifícios mais altos da cidade, matando milhares de nova-iorquinos, e este acontecimento, além de uma tragédia para a cidade, constituiu também uma humilhação. É triste dizê-lo, mas naquele momento talvez o ânimo dos nova-iorquinos tenha sofrido um abalo irreversível, e as torres gémeas do World Trade Center, outrora os dois arranha-céus mais altos do mundo, foram depois ultrapassadas por estruturas mais altas em cidades menores, bem longe dali.

Portanto, este livro, ainda que, espero eu, consiga retratar com fidelidade a atmosfera exuberante de Manhattan em 1945, possui necessariamente laivos de elegia — todos sabemos, afinal, o que veio a acontecer nesta cidade. Desde então, no entanto, Manhattan recuperou, em grande medida, a sua serenidade e também muita da sua alegria, e gosto de pensar que aqueles de entre nós que adoram este magnífico lugar, cheio de orgulho e de *pathos*, ao lerem a descrição do seu carácter naquela época não tão distante, sentirão que estão também a ler a descrição do seu carácter nos dias que correm.

*Jan Morris, 2011*



## PRÓLOGO

Ao início da tarde do dia 20 de Junho de 1945, o paquete inglês *Queen Mary*, de 80 774 toneladas, pintado de cinzento, emergiu da neblina marítima na zona a que se dá o nome de Narrows, a embocadura do porto da cidade de Nova Iorque. Era o segundo maior navio do mundo e, provavelmente, o mais famoso, e trazia de volta à pátria, os Estados Unidos da América, 14 526 militares americanos, homens e mulheres, que tinham acabado de ajudar a vencer a guerra contra a Alemanha nazi — o primeiro grande contingente a regressar a casa após a magnífica vitória. No momento em que o paquete passou diante de Sandy Hook, o ribombar cavo da sua sereia, soando num lá extremamente grave, ecoou triunfalmente até Brooklyn, até à linha costeira de Nova Jérсия, e, propagando-se para lá da Estátua da Liberdade, alcançou os arranha-céus expectantes.

O navio foi acolhido como o arauto de uma nova era esplendorosa. Nos ares pairava um dirigível da Marinha dos EUA; seguindo garbosamente na esteira do paquete, através dos Narrows, vinham um velho vapor ao serviço dos caminhos-de-ferro, cheio de repórteres, e ainda dois iates a motor requisitados pelas autoridades, cheios de raparigas — num deles, a banda do Corpo Aéreo Feminino tocava com

## NOTA BIOGRÁFICA

Jan Morris recebeu ao nascer, em 1926, na cidade inglesa de Clevedon, o nome de James Humphrey Morris. Apesar da identidade masculina, percebeu «aos três, talvez quatro anos», que nascera «no corpo errado». Estudou História em Oxford. Aos 17 anos ingressou no Exército inglês e foi integrado no 9.º Regimento de Lanceiros, célebre pelo seu carácter de clube selecto entre a elite militar britânica. Mais tarde, trabalhou como jornalista, e com o *The Times* acompanhou a primeira expedição britânica a alcançar o topo do Everest, em 1953. Publicou o primeiro livro em 1956, na sequência de uma visita aos Estados Unidos da América. Daí em diante escreveu relatos de viagens, livros de História, ensaios e um romance. Quando em 1972 concluiu o processo de mudança de sexo, com uma operação cirúrgica em Casablanca, James Morris passou a chamar-se Jan Morris. Casada desde 1949 com Elizabeth Tuckiness, com quem teve cinco filhos, continuaram a viver juntas. Foi distinguida com o doutoramento *honoris causa* pelas universidades de Gales e de Glamorgan. Em 2008, o *The Times* incluiu-a entre os 15 maiores escritores britânicos do pós-guerra. Os seus livros têm vindo a ser publicados na Coleção de Literatura de Viagens, dirigida por Carlos Vaz Marques: *Veneza* (2009), *Hav* (2013), *Espanha* (2016). Na Tinta-da-china está também publicada a sua autobiografia: *Enigma, História de Uma Mudança de Sexo* (2017).





## manhattan '45

*foi composto em caracteres  
Hoefler Text e impresso na  
Eigal, Indústria Gráfica, em  
papel Coral Book de 80 gra-  
mas, em Setembro de 2018.*

